

ENSINO DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: EXPERIÊNCIAS DE UM PROJETO VOLUNTÁRIO

Edson Luis Rezende Junior¹

RESUMO: A proposta de ensino de espanhol como língua estrangeira (E/LE) aqui apresentada surgiu como um projeto voluntário, cujo objetivo era ofertar o acesso à língua espanhola de modo gratuito aos estudantes do ensino fundamental II de uma escola pública localizada no distrito de Gardênia - Rancharia/SP. Como justificativa para a elaboração do curso pautamo-nos no acordo Mercosul (1991), na LDB (1996), na lei 11.161/05 e nas OCEM (2006). Além disso, contribuiu com o projeto as concepções de Sedycias (2005) sobre o enriquecimento profissional e pessoal ao se aprender uma nova língua estrangeira (LE), especificamente, o espanhol. Como metodologia utilizamos a abordagem qualitativa com base num estudo de caso (LUDKE e ANDRÉ, 2017). Entre os instrumentos de análise e caracterização das etapas de criação do referido projeto apresentamos: (a) os relatórios organizados nos dois anos de funcionamento do projeto; (b) as fotos das atividades realizadas e; (c) um questionário aplicado aos participantes. Nos resultados discutimos o interesse dos alunos em continuar seus estudos, a importância do professor como um agente motivador e da organização das aulas a partir de aspectos culturais dos países hispano falantes.

PALAVRAS-CHAVE: Projeto voluntário. Ensino de línguas. Espanhol como Língua Estrangeira.

Introdução

A proposta de ensino de espanhol como língua estrangeira (doravante E/LE) aqui apresentada surgiu como um projeto voluntário, cujo objetivo era ofertar o acesso à língua espanhola de modo gratuito aos estudantes do ensino fundamental II de uma escola pública localizada no distrito de Gardênia - Rancharia/SP. Assim, neste trabalho trazemos os resultados de dois anos de trabalho, 2016 e 2017, em um curso voluntário de espanhol extraclasse.

Inicialmente, olhamos para a história do ensino de línguas no Brasil e percebemos uma diminuição na oferta de línguas clássicas, grego e latim, até serem retiradas do currículo básico (LEFFA, 1999). Por conseguinte, vemos crescer a oferta pelas línguas estrangeiras modernas, inglês, francês, alemão, espanhol etc., porém, com uma predominância do ensino da língua inglesa.

¹ Doutorando em Educação no Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), *campus* de Presidente Prudente

A língua espanhola, objeto de nosso estudo, devido a diferentes ações passa a ter um lugar de destaque no contexto nacional, principalmente, em função do aumento das trocas econômicas entre as nações que integram o Mercado das Nações do Cone Sul – Mercosul (BRASIL, 1991). Segundo Fernandez (2005, p. 20 – tradução nossa) “há um olhar para o espanhol, o idioma dos países vizinhos”. Já para Rajagopalan “está havendo uma percepção crescente de que o ensino de língua estrangeira deve estar atento ao contexto político em que o mesmo se dá” (2006, p. 20 *apud* RODRIGUES, 2010, p. 13).

Posterior a isso, a Lei De diretrizes e Bases Nacionais (LDB), firmada em 1996, estabelece em seu artigo 26, inciso 5º, a importância do ensino de línguas estrangeiras na parte diversificada do currículo, sendo que “será incluído, obrigatoriamente, a partir da quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna” (BRASIL, 1996). Desse modo, essa lei abre um caminho para o ensino de línguas estrangeiras no país, contudo, o que vemos acontecer na grande maioria das escolas públicas é um processo de monolinguismo.

Tal ação, por um lado, estabelece a hegemonia de uma língua (geralmente o inglês) perante as outras e, por outro lado, priva os alunos da educação básica do contato com as diferentes línguas estrangeiras existentes. Contudo, percebemos que este quadro vem sofrendo alterações, seja por gestos de política linguística, a partir da sanção de leis (BRASIL, 2006), seja, pela presença de novos programas de incentivo à formação docente (PEDRA e NODARI, 2015). Finalmente:

[...] em 2005, a Lei 11.1614 determina a oferta obrigatória do espanhol pela escola e de matrícula facultativa por parte do aluno do ensino médio, facultando, também a obrigatoriedade de oferta ao ensino fundamental (de 6º. ao 9º. ano), tanto para a rede pública como para a rede privada de todo país (PARAQUETT, 2009, p. 126).

Além da LDB e da lei 11.161/05², a língua espanhola conta com um capítulo específico sobre seu ensino nas Orientações Curriculares Para o Ensino Médio (OCEM, 2006). Acreditamos assim, que essa ação possibilite um maior destaque ao estudo desta língua, uma vez que destaca que:

² Ressaltamos que no início da proposta do projeto a lei 11.161/2005 encontrava-se em vigor. Esse fato justifica nossa escolha pela discussão da implementação desta língua na educação básica pautada na LDB, porém, a mesma foi revogada com a promulgação da lei 13.415/2017.

[...] a língua estrangeira não é simplesmente matéria escolar a ser aprendida, mas tem função educacional, e um dos seus papéis mais importantes, o de expor os alunos a outra língua a partir de uma óptica menos instrumental, poderá ajudar, entre outras coisas, a interferir positivamente na relação que os estudantes brasileiros guardam com a própria língua, em especial com a escrita. No caso específico da Língua Espanhola, esta pode contribuir significativamente para isso, dada a especial relação que mantém com a Língua Portuguesa (BRASIL, 2006, p. 133).

Assim, com o intuito de aclarar a importância de se aprender uma língua estrangeira, especificamente o espanhol, baseamos nossas ideias no conceito que Sedycias (2005) chama de “premissas internas” para a aprendizagem da língua espanhola. Desse modo, abordaremos o enriquecimento pessoal, profissional e cultural obtido ao aprender uma nova LE. Levamos em consideração, também, o papel das línguas em relação ao autoconhecimento e o conhecimento do outro, segundo Sedycias (2005, p. 37):

Além de um universo completamente novo em termos de literatura, filosofia, historiografia folclore música, filme, cultura popular etc., que vai se abrir com cada idioma novo que aprendermos, não devemos esquecer uma das verdades mais simples sobre as línguas estrangeiras: quando estudamos um segundo idioma, não aprendemos apenas a descrever a nossa realidade convencional com sons novos e exóticos; aprendemos também a criar uma realidade completamente nova.

Assim, dentre as razões que os alunos teriam para aprender o espanhol como língua estrangeira, ainda segundo Sedycias (2005), elaboramos os seguintes itens: (a) a importância da língua espanhola como língua mundial e internacional; (b) ser a língua oficial em vinte e um países; (c) o acordo Mercosul; (d) ser a língua dos nossos países vizinhos; (e) turismo: viagens para a Espanha e ou para Hispano América; (f) ser uma língua irmã do português e; (g) a beleza e o romance da língua. Segundo Cruz (2016, p. 10):

É importante mencionar que o Brasil, único país da América do Sul que tem a língua Portuguesa como idioma oficial, faz fronteira geográfica com: Uruguai, Argentina, Paraguai, Venezuela, Bolívia, Peru e Colômbia. Isso já é argumento suficiente para o ensino do espanhol nas escolas brasileiras.

Já a premissa profissional abarca a própria qualificação ou capacitação dentro de uma determinada carreira, bem como o fato de se possuir o conhecimento de uma língua estrangeira poder ser a diferença decisiva para novas contratações, tendo em vista que a globalização impulsiona a economia mundial nos dias atuais. Por fim, na premissa cultural

de se aprender E/LE podemos mencionar a cultura desses vinte e um países falantes de espanhol, suas manifestações artísticas, tais como, músicas, danças, teatro, cinema, literatura etc.

Ampliando essa discussão, Cruz (2016, p. 1-2) ao discutir a importância de uma língua estrangeira coloca em evidência as inovações tecnológicas e suas exigências para com a sociedade, dado que segundo a autora precisamos acompanhar “as transformações econômicas, sociais e comportamentais decorrentes de se viver em um mundo globalizado”.

Portanto, tendo em vista a relevância de uma prática que valorize um ensino multilíngue e as premissas pessoal, profissional e cultural, descrevemos neste artigo as etapas de criação de um projeto voluntário de ensino de espanhol como língua estrangeira e seu impacto na formação dos alunos participantes. Para isso, dividimos o texto em duas partes sendo elas: (a) apresentar as etapas iniciais da proposta do curso e descrever o contexto de implementação e; (b) apresentar os resultados obtidos nos dois anos de desenvolvimento das aulas de espanhol.

Como metodologia optamos pela pesquisa qualitativa (LUDKE e ANDRÉ, 2017), especificamente, o estudo de caso, pois a peculiaridade da escola estudada nos despertou a atenção para a necessidade de se desenvolver um curso de ensino de E/LE. Ademais, esse modelo de pesquisa permite o uso de diferentes instrumentos de coleta de dados. Os adotados aqui são: (I) os relatórios organizados nos dois anos de desenvolvimento do projeto; (II) as descrições das ações realizadas; (III) fotos das atividades e; (IV) um questionário elaborado pela ferramenta do *google forms*.

1 Contexto de implementação

Nesta parte, retomamos alguns pontos históricos sobre o município de Rancharia e o distrito de Gardênia. O primeiro tem fundação em 1916, sua municipalização acontece em 1934 e o segundo é fundado a partir de 1948. Aquele “está localizado a 520 km de São Paulo (capital) e a 57 km de Presidente Prudente, o município também é cortado pelo rio Capivari”. (REZENDE JR, 2015, p. 57 - 58)

Segundo Souza (2012), o distrito de Gardênia está localizado a 50km do seu município sede, conta com uma área total de 116 km² e uma população inferior a 1000 habitantes. A autora — a partir de relatos de moradores de diferentes idades, arquivos

pessoais e arquivos históricos — nos apresenta como o distrito vai moldando suas atividades econômicas, seu espaço físico e como está se estruturando atualmente com a atividade turística.

Ainda segundo Souza (2012), elencamos algumas características sobre o distrito que nos ajuda a pensar sobre a importância de se desenvolver um curso voluntário num distrito com características tão específicas, tais como:

(I) os meios de transportes coletivos são poucos, com apenas duas linhas de ônibus coletivos; (II) há somente uma Estratégia de Saúde da Família (ESF) e uma escola municipal que atende da educação infantil (nível de pré-escola) ao ensino fundamental (do 1º ao 9º ano); (III) há falta de mão de obra qualificada oriunda de municípios vizinhos ou da sede do município, como dentistas, médicos, engenheiros, escrivão e professores; (IV) o comércio é pouco expressivo em relação ao número de estabelecimentos e predomina o circuito inferior da economia e o campo modernizado não é suprido localmente (SOUZA, 2012, p. 21).

Desse modo, podemos caracterizar nosso contexto de implementação como um espaço carente socialmente, tanto no que diz respeito ao básico, transporte, saúde e educação, quanto economicamente pela falta de profissionais de diversas áreas e pelo pequeno comércio existente. Sobre a escola destacamos que esta possuía em sua totalidade uma média de 120 estudantes, sendo que um terço desse número correspondia ao ensino fundamental II. Em suas instalações a instituição contava com uma quadra coberta, uma sala de informática, uma biblioteca, pátio com refeitório, parquinho infantil e sala dos professores. A seguir apresentamos as etapas do projeto.

2 Etapas do projeto voluntário

Nosso primeiro passo para a concretização do curso de espanhol foi realizar uma sondagem com os alunos do ensino fundamental II. Nesse início seguimos as instruções do guia de orientação de construção de um projeto voluntário (GONÇALVES, 2003). Desse modo, a primeira etapa do trabalho foi constatar o interesse dos discentes em participar do curso de espanhol, que seria oferecido uma vez por semana no período da tarde.

A partir da existência de interesse, elaboramos uma proposta inicial do curso e a enviamos à direção e à Secretaria de Educação do município para que fosse avaliada e divulgada à comunidade. Nessa etapa justificamos o curso a partir de documentos nacionais,

citados anteriormente na introdução deste trabalho que descreviam a importância de se aprender uma língua estrangeira, tendo em vista aspectos como a globalização, interculturalidade e o desenvolvimento das tecnologias informacionais e computacionais.

A segunda etapa deu-se em conjunto com a direção escolar e decidimos que as aulas aconteceriam às sextas-feiras com duas turmas em horários diferentes. Nessa reunião, acordamos também que o curso seria gratuito e iria disponibilizar um certificado de 50 horas fornecido pelo município aos participantes. Acordadas essas primeiras exigências, foram afixados na escola alguns cartazes de divulgação do curso, como o apresentado na figura 1.

De início, a duração do curso de espanhol era de três bimestres (de maio a dezembro de 2016), que posteriormente foi prorrogada para o ano de 2017. Já a terceira etapa consistiu na entrega pela secretaria da escola de um termo de compromisso que explicasse aos responsáveis todos os detalhes do curso, seu caráter formativo e voluntário e a abertura das inscrições para os alunos interessados.

Figura 1: Cartaz de divulgação

**CURSO DE
ESPANHOL**

Gratuito

Professor: Edson Luis

Início: **13/05** (sexta – feira)

Local: E.M.E.F.E.I. Carlos Bueno de Toledo
(sala de informática)

Horários: ¡hola!

1. grupo: 13h às 14h 30 min
2. grupo: 15h às 16:30 min

VAGAS LIMITADAS: **20** ALUNOS POR GRUPO

- * Fichas de matrícula na secretaria da escola;
- * Menores de idade trazer autorização do responsável;
- * Curso com certificado de 50 horas;

Fonte: autoria própria relativa ao ano de 2016.

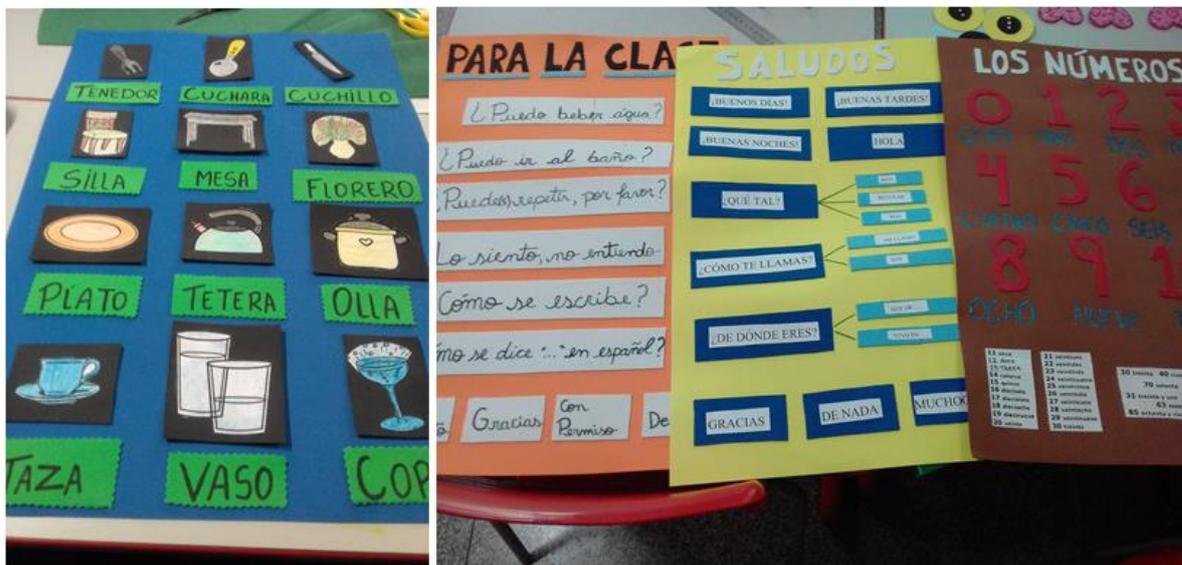
Como observamos no cartaz nossa intenção era limitar o número de estudantes em cada turma. Posteriormente, devido ao número de inscritos, unimos os grupos num único

horário. Terminadas as primeiras etapas, iniciamos as aulas e a seguir descrevemos o primeiro ano do projeto a partir de um questionário realizado ao final do ano com os estudantes que concluíram essa etapa do curso.

3 Primeiro ano do projeto

Durante o primeiro ano do projeto buscamos apresentar os países onde se fala espanhol, características da língua estrangeira alvo, alguns estilos musicais e um pouco da gastronomia. Além disso, elaborávamos em grupo diferentes cartazes com os temas estudados (ver figura 2), líamos alguns poemas e crônicas em espanhol. Ao término do ano realizamos um questionário com os alunos para saber quais as percepções destes em relação ao idioma estudado. Solicitamos a cada aluno que respondesse um questionário elaborado a partir da ferramenta *google forms*³.

Figura 2: Cartazes elaborados em aula



Fonte: autoria própria relativa ao ano de 2016.

A primeira pergunta realizada foi “Por que você começou a estudar espanhol?”. Observamos que as respostas são bem diversificadas e ressaltamos o desejo dos alunos em realizarem uma viagem, acreditarem ser um requisito profissional e a influência do professor

³ Optamos por tal recurso por ele disponibilizar uma melhor tabulação dos dados obtidos em gráficos de barras e de pizzas. Além disso, para fins éticos, escolhemos não identificar os respondentes. Logo, as respostas dadas fazem menção ao grupo como um todo e as aulas em seu modo geral.

caracterizado como “legal”, o que nos remete a características das três premissas mencionadas anteriormente.

Nessa pergunta, ressaltamos também a ação do professor o qual já tinha participado de intercâmbio durante sua graduação e trazia suas experiências para a sala de aula. Acreditamos que esse diálogo tenha possibilitado um aumento no horizonte das crianças que participavam do curso, pois o professor buscava ouvi-los e motivá-los a pesquisar sobre outros países, meios de transporte para se chegar a eles etc. Segundo Kieckhoefel (2011, p. 2534):

Isso significa que, no ambiente escolar, [...] é necessário aproximar-se do aluno, dar-lhe atenção, conhecê-lo, saber ouvir e valorizá-lo; que o olhar do educador, é indispensável para sua aprendizagem e que, é por meio das emoções que o aluno exterioriza seus desejos e vontades.

A segunda pergunta, figura 3, apresenta uma característica da cidade em seu difícil acesso e, por conseguinte, refletida na escola, uma vez que a aula de língua estrangeira ofertada na grade curricular escolar limitava-se apenas ao inglês. Dessa maneira, os alunos ao serem indagados acerca de seus conhecimentos de espanhol, ou mais especificamente, se já haviam estudado espanhol antes todos responderam de forma negativa.

Nesse sentido, a tecnologia desempenhou um papel interessante, pois por mais que os alunos do distrito de Gardênia não tenham estudado a língua espanhola todos conheciam alguma música nessa língua devido a influência de alguns cantores(as) internacionais e brasileiros(as).

Assim, ao dar espaço para os estudantes, questioná-los sobre seus conhecimentos prévios e apresentá-los a conhecimentos culturais e linguísticos, acreditamos que o curso tenha contribuído para a ampliação da visão de mundo dos participantes. Em outras palavras, permitimos-lhes observar além de sua cultura/língua materna, lançando-os a expansão de vinte e um países hispano falantes.

Figura 03: Segunda pergunta



Fonte: autoria própria relativa ao ano de 2016.

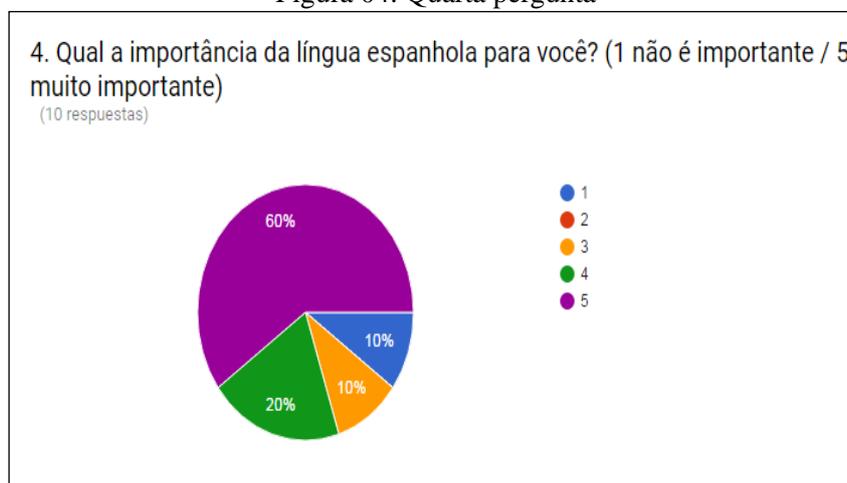
Já a terceira pergunta do questionário discutiu a motivação dos alunos em participarem do curso. Segundo Cavenaghi (2009, p. 249) “a motivação é um aspecto importante do processo de aprendizagem em sala de aula, pois a intensidade e a qualidade do envolvimento exigido para aprender dependem dela”. Em nossa concepção sobre ser professor de LE o interesse dos alunos deve ser levado em consideração, de modo que estes se sintam representados em seus desejos e anseios.

Aqui novamente, ressaltamos a função do professor que apareceu como o agente motivador para a participação e aprendizagem dos alunos, pois sua figura aparece na maioria das respostas obtidas como responsável por despertar o interesse em participar dos encontros desenvolvidos, fato que nos demonstra a importância de estabelecer um diálogo com os estudantes e de ouvir suas motivações.

Por fim, a quarta pergunta selecionada para este trabalho faz menção à importância dada à língua espanhola pelos alunos. Retomamos nosso objetivo principal (do curso), no qual esperávamos que houvesse uma ampliação dos horizontes das crianças e que a língua espanhola adquirisse determinada importância para elas no sentido de demonstrar-lhes que há diferentes modos de se ver, perceber e viver o/no mundo (SEDYCIAS, 2005).

Nosso objetivo foi alcançado, como observamos na figura 4, e sessenta por cento dos alunos deram nota máxima, numa escala de um a cinco, para a importância da língua espanhola. Os outros quarenta por cento estão divididos entre ser importante e mais ou menos importante. Destacamos aqui que para nenhum aluno a aprendizagem da língua espanhola não era importante, o que se mostra como um dado positivo.

Figura 04: Quarta pergunta



Fonte: autoria própria relativa ao ano de 2016.

Por fim, reforçamos nossa visão positiva acerca da realização das aulas e da importância de se ofertar mais de uma LE na educação básica com a demonstração de interesse dos estudantes em continuarem com o curso durante o ano de 2017. Descrevemos a seguir essa nova etapa.

4 Segundo ano do projeto

Para a realização do segundo ano, perguntamos a cada aluno “O que você gostaria que tivesse nas aulas de espanhol?”. Nosso objetivo era organizar o curso de modo que atendesse de maneira mais satisfatória os desejos dos alunos, principalmente, por termos liberdade de escolhermos nossos materiais didáticos, nossa avaliação e nossa organização das aulas devido a nosso caráter de projeto voluntário.

A partir das respostas pudemos observar que os alunos gostavam e queriam mais interação nas aulas e em conjunto decidimos pelo trabalho com peças teatrais, comidas e filmes. Assim, estruturamos nossas aulas voltadas a aspectos culturais e buscamos durante o ano elaborar algumas atividades que abrangessem a esses pedidos. Concordamos, uma vez mais, com Cavenaghi (2009, p. 251), pois “para aprender uma língua é necessário conhecer elementos do código de comunicação (gramática e itens lexicais), além de aspectos sociais e culturais da comunidade da língua-alvo”.

Assim, a primeira ação, encenação de uma peça teatral, se deu com o convite da Secretaria da Educação para apresentarmos o curso na Feira do Livro da cidade. Os alunos se animaram e decidiram ensaiar uma dança para a música *vivir mi vida*, de Marc Anthony.

Para a apresentação criaram a peça teatral *Um sonho de Emília* onde a personagem do *Sítio do Pica Pau Amarelo* sonha que vai para o México e encontra um grupo de caveiras mexicanas dançando. Ao acordar a boneca de pano volta para a escola e conta a todos sobre seu sonho.

O conhecimento sobre essa data festiva se deu a partir do filme *El libro de la vida*, estreado em 2014, que narra a história de um grupo de alunos que vão ao museu e lá aprendem sobre o dia dos mortos no México. A figura 5⁴ apresenta os alunos no dia da apresentação na Feira e, também, a maquiagem que realizaram a partir de pesquisas sobre essa data e da visualização do filme.

Figura 5: Grupo para apresentação



Fonte: autoria própria relativa ao ano de 2017.

Essa atividade desenvolveu a escrita em língua espanhola, a oralidade e seu conhecimento cultural sobre a música e o feriado festivo. Corroborando com o assunto, concordamos, com Cruz, Gama e Souza (2007, p. 496) ao mencionar que “o filme como uma mostra autêntica produzida na língua-alvo sem manipulações com fins didáticos, fornece um insumo que possibilita a reflexão, conhecimento da cultura da língua-alvo e a consequente produção escrita ou oral contextualizada”.

⁴ Por questões éticas decidimos borrar o rosto das crianças em todas as fotos apresentadas. Neste caso, deixamos a maquiagem no professor para que se possa ver o trabalho de caracterização.

A segunda ação foi elaborar um calendário com alguns filmes em língua espanhola que pudéssemos discutir aspectos culturais com os alunos, ademais do filme *El libro de la vida*, que nos permitiu trabalhar um pouco da cultura mexicana. Selecionamos *Machuca* (Chile, 2005), *El hijo de la novia* (Argentina, 2001), *Volver* (Espanha, 2006) e *O último trago* (México, 2016).

Ressaltamos que para a seleção o professor elaborou uma lista com títulos e apresentou aos alunos, os quais buscaram as sinopses, assistiram aos *trailers* de cada um e fizeram uma votação nos que gostariam de ver. Para a lista, levou-se em consideração a faixa etária dos alunos e a possibilidade de que eles assistissem em espanhol com legenda em português.

Desse modo, a partir dos filmes escolhidos pudemos discutir algumas características da língua espanhola, como por exemplo, as variações linguísticas e aspectos culturais dos países. Portanto, entendemos que “o aprendiz bem-sucedido deve conquistar um perfil intercultural, pois além de se comunicar adequadamente em contextos interculturais, terá sensibilidade para perceber o impacto que a diferença cultural exerce no processo comunicativo” (CRUZ; GAMA e SOUZA, 2007, p. 489).

Aclaramos que os filmes foram vistos durante o ano e que a utilização de produções cinematográficas em sala de aula “pode contribuir para o processo formativo do aluno, já que abre possibilidade de reflexões sobre as potencialidades da linguagem em suas diferentes expressões e condições para que o aluno possa desenvolver sua postura e atitude ao trabalhar e lidar com textos” (CANAL, 2017, p. 102).

Por fim, buscando alcançar os objetivos delimitados no início do ano, ir ao encontro das motivações dos alunos e proporcionando-lhes novas experiências dentro da língua espanhola, realizamos um trabalho com as receitas vistas e discutidas em sala a partir dos filmes e outras receitas que buscamos sobre cada país, representados pelas nacionalidades dos filmes.

Como conclusão realizamos um café cultural no dia da entrega dos certificados com essas receitas. Tal atitude chamou-lhes muito a atenção por encontrarem ali pratos que não conheciam e diferentes preparos para alimentos conhecidos, como, por exemplo, o abacate com sal e limão na *guacamole*, o feijão com carne e pimenta, as frutas no vinho (sem álcool) etc. A figura 6 nos permite ver a disposição da mesa e a entrega dos certificados, momento que contou com a participação da direção e da Secretária da Educação.

Figura 6: Encerramento do curso



Fonte: autoria própria relativa ao ano de 2017.

Considerações finais

Nesse trabalho apresentamos a criação e o desenvolvimento de um projeto de ensino de espanhol como língua estrangeira num distrito de Rancharia-SP. Justificamos o projeto por meio de documentos nacionais da educação brasileira e — também por três premissas pessoal, profissional e cultural (SEDYCIAS, 2005). De igual maneira, detalhamos nosso contexto de trabalho, as ações realizadas, tais como, sondagem com os alunos, contato com a direção e Secretaria de Educação.

Após isso, apresentamos as respostas dos alunos a um questionário ao término do primeiro ano do projeto, no qual observamos uma motivação para com as aulas e

descobrimos um interesse em conhecer outros países, diferentes culturas, bem como a importância do professor como agente motivador.

A partir desse interesse dos alunos, demos continuidade ao curso, estruturando-o de maneira que trabalhássemos mais aspectos culturais da língua espanhola. Optamos então por apresentação de dança, filmes e comidas típicas como maneiras de ampliar o conhecimento sociolinguístico dos alunos e motivá-los durante a aprendizagem.

Por fim, esperamos que a partir da importância do projeto, aqui revelada, outros cursos sejam criados e que estes possam ampliar o horizonte de vida dos participantes apresentando-lhes novas culturas e diferentes modos de vida.

Referências

- BRASIL. *Saiba mais sobre o Mercosul*, 1991. Disponível em: <<http://www.mercosul.gov.br/saiba-mais-sobre-o-mercosul>>. Acesso em: 01 maio 2018.
- BRASIL. *Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 01 maio 2018.
- BRASIL. *Lei nº 11.161, de 05 de agosto de 2005*. Dispõe sobre o ensino da língua espanhola. Brasília, DF. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11161imprensa.htm>. Acesso em: 01 maio 2018.
- BRASIL. *Orientações curriculares para o ensino médio; volume 1- Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica*. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.
- CANAL, Alice. O cinema nas aulas de espanhol. *Revista LinguaTec*, Bento Gonçalves, vol. 02, n. 03, p. 100-113, 2017.
- CAVENAGHI, Ana R. A. Uma perspectiva autodeterminada da motivação para aprender língua estrangeira no contexto escolar. *Revista Ciências & Cognição*, Volume 14, p. 248-261, 2009.
- CRUZ, Salete M. C. Língua espanhola e a importância de seu ensino: uma reflexão calcada nos pcns e na lei 11.161. In: *Anais EmiCult - II ENCONTRO DE MISSIONEIRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES EM CULTURA*, 2016, p. 1-12, São Luiz Gonzaga, RS, 2016.
- CRUZ, Maria de L. O. B; GAMA, Angela P. F; SOUZA, Fábio M de. O cinema no aperfeiçoamento das competências do aprendiz de línguas (materna e estrangeira). In: PINHO, Sheila Z. de; SAGLIETTI José R. C. (Org.). *Núcleos de Ensino - Projetos de 2005*. 1. ed. v. 1. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora/UNESP Publicações, 2007.
- FERNÁNDEZ, Francisco M. El español en el mundo. In: SEDYCIAS, João. *O ensino do espanhol no Brasil: passado, presente, futuro*. São Paulo: Parábola, 2005.

GONÇALVES, Katia R; CAMARGO, Paulo de; CRUZ, Priscila. *Construindo um projeto de voluntariado*. Instituto Faça Parte – Brasil Voluntário, 2003.

KIECKHOEFEL, Josiane C. As relações afetivas entre professor e aluno. In: *Anais X CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE*, PUC Paraná, p. 2533 – 2543, 2011.

LEFFA, Vilson J. O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional. *Revista Contexturas*, APLIESP, SP, n. 4, p. 13-24, 1999.

LUDKE, Menga; ANDRE, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora E.P.U. 2017.

PARAQUETT, Marcia. O papel que cumprimos os professores de espanhol como língua estrangeira (E/LE) no Brasil. *Revista Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Diálogos Interamericanos*, n. 38, p. 123-137, 2009.

PEDRA, Nylcéa T. S; NODARI, Janice I. Ensino de línguas estrangeiras: quando as políticas públicas e as práticas não se encontram. *Revista X*, Dossiê Especial: Experiências do PIBID na formação inicial e continuada de professores de línguas estrangeira, v.1, p.1 - 15, 2015.

REZENDE JR, Edson L. Biblioteca escolar: (re) organização e fomento à leitura. *Revista Ininga*. Teresina, PI, v. 2, n. 1, p. 54-66, 2015.

RODRIGUES, Fernanda S. C. Leis e línguas: o lugar do espanhol na escola brasileira. In: BRASIL. *Espanhol – ensino médio: coleção explorando ensino*, volume 16, p. 13 – 24, 2010.

SEDYCIAS, João. Por que os brasileiros devem aprender espanhol? In: SEDYCIAS, João. *O ensino do espanhol no Brasil: passado, presente, futuro*. São Paulo: Parábola, 2005.

SOUZA, Sueli A. *Transformações socioespaciais no distrito de Gardênia, Município de Rancharia – SP*. 2012, 116p. Monografia apresentada para conclusão do Curso de Bacharelado em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente, Universidade Estadual Paulista (UNESP), SP, 2012.